

21 SET 1997

Nuvem preta e moda nova

Marcos Coimbra, o sociólogo das pesquisas do Instituto Vox Populi, usa imagem interessante para definir a situação do presidente Fernando Henrique diante do eleitorado, a um ano do teste da reeleição. Há bem ali na frente uma nuvem escura, densa, carregada de raios. É sinal de tempestade próxima. Do lugar onde está FH, já se ouve barulho de trovão. Mas não quer dizer que a tempestade chegará até o presidente e desabará sobre sua cabeça, seus planos e sua ambição. Os ventos podem dissolvê-la ou empurrá-la para longe.

O surpreendente na análise de Coimbra é que a unanimidade acabou. Há poucos meses, previa-se um 1998 sem emoções, com um passeio da candidatura de FH nas urnas. Não havia nomes capazes de ameaçá-la, tão devastadora seria a sua máquina de conquistar corações, com uma engrenagem absolutamente singular: um homem com brilho intelectual incomum abate a inflação com um sopro de inteligência e dá ao povo uma moeda estável, um farnel de frango e iogurte e uma dentadura nova.

Agora, com a nuvem preta ali na frente, a situação é bem diferente. Não que haja adversários definidos e comprovadamente ameaçadores. Há, por enquanto, apenas desafiantes. O mais que se pode dizer é que um ou outro vai dar mais trabalho ao presidente, que, a esta altura, com a fotografia tirada das pesquisas, ainda tem a vitória garantida no primeiro turno da eleição, em 4 de outubro de 1998.

Vitória apenas no primeiro turno, ressalte-se, e não vitória arrasadora, acachapante, como foi a de 1994. O que as pesquisas estão indicando, tanto as feitas para políticos pelo Vox Populi como a do Datafolha da semana passada, é que, pelo panorama de hoje, a disputa presidencial de 1998 só seria definida numa segunda eleição.

E onde estaria o Real, como bandeira mágica, para proteger da tempestade o presidente? Um amigo de Marcos Coimbra criou outra imagem: o Real não seria uma bandeira, mas uma rede. Uma rede de trapezista. FH está lá em cima, equilibrando-se e balançando de um lado para o outro no trapézio, e, de repente, pimba, cai na rede. Cai e quica. A rede o joga de novo para o alto. FH, esperto, agarra-se mais uma vez ao trapézio. E assim vai vivendo, enquanto a nuvem não chega. Equilibrando-se e quicando.

A grande novidade que as pesquisas do Vox Populi estão captando no detalhe mais íntimo dos registros de perda de unanimidade é uma moda nova: a moda de falar mal do governo FH. As pessoas livram da crítica o Real e a figura luminosa do presidente. Mas adoram falar mal do governo. É como se fosse inteligente criticar o governo de um presidente inteligente.

Mas até a prova final, muita nuvem vai passar. O nervosismo que se percebe agora tem duas origens. Uma no encerramento, esta semana, do prazo para troca de partido ou de filiação partidária. Quem já viveu um terremoto sabe o que os sobreviventes chamam de *aftershocks*. São os pequenos tremores que se seguem ao terremoto. É a acomodação do terreno, das camadas da Terra. É isso o que está ocorrendo no momento no quintal dos políticos.

A outra origem do nervosismo está na redescoberta da inabilidade política de FH. Se sempre foi respeitado e reconhecido como modelo de intelectual e de integridade, FH chegou a ser ridicularizado por suas atitudes políticas desastrosas. Na véspera de lançamento do popularíssimo Plano Cruzado, deu uma entrevista ao *JB* desancando o governo Sarney. Na antevéspera de uma eleição, convencido da vitória, posou para uma capa de revista sentado na cadeira de prefeito de São Paulo. Perdeu e foi humilhado pelo vitorioso, Jânio Quadros, que desinfetou a cadeira antes de usá-la.

O melhor aprendizado de FH como mediador político foi como ministro do governo Itamar Franco. Tourear Itamar foi um curso de doutorado. Veio o seu próprio governo de unanimidade. E o resultado da habilidade política de FH está nos cacos do PSDB de hoje e na serenidade, na placidez, na candura do PFL.

O PFL está de camarote. Ninguém o vê metido nas confusões que estão aí. É o partido que mais cresce. É digna de álbum histórico a pose de estadista de Antônio Carlos Magalhães. E é de matar de rir a serenidade, a elegância de Inocêncio de Oliveira. Junto com o real, o frango, o iogurte e as dentaduras, esses são os verdadeiros milagres de FH.